



VIOLÊNCIA E AS PRODUÇÕES DE “VERDADES”: (DES)ENCONTROS DISCURSIVOS ENTRE AS MÍDIAS HEGE- MÔNICAS E JUVENTUDES DO LOTEAMENTO KEPHAS (RS)

*VIOLENCE AND THE PRODUCTION OF "TRUTHS": (UN)DISCURSIVE
ENCOUNTERS BETWEEN HEGEMONIC MEDIA AND YOUNG PEOPLE
FROM LOTEAMENTO KEPHAS (RS)*

 Tatiane de Oliveira

Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social.
Universidade Feevale.

Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil.
tatiolive90@gmail.com

 Dinora Tereza Zucchetti

Doutora em Educação.
Universidade Feevale.

Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil.
dinora@feevale.br

 Pâmela Marconatto Marques

Pós-Doutora em Sociologia.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

pamela.marconatto@ufrgs.br

Resumo: Este artigo é oriundo de um recorte de pesquisa em desenvolvimento, no âmbito do mestrado. Utiliza as contribuições teórico-metodológicas de Foucault (2008) para analisar os (des)encontros entre as notícias sobre a violência no Loteamento Kephás – Novo Hamburgo (RS) – e as narrativas de nove jovens moradores do território. Busca compreender se as “verdades” produzidas pelo dispositivo midiático contribuem para a produção de estigmas sobre o Loteamento, ao passo que se propõe a escutar as narrativas de jovens produzidos ali. Conclui-se que os discursos jornalísticos contribuem para a produção de estigmas, pois das 76 reportagens sobre o território, veiculadas entre 2017 e 2021, 40 tratavam da temática da violência. Destacam-se as rondas policiais e a apreensão de entorpecentes. Por outro lado, os jovens entrevistados observam a redução da violência ao longo dos anos e denunciam que a mídia coloca em emergência apenas uma das histórias possíveis de ser contada sobre o Kephás.

Palavras-chave: análise do discurso; juventudes; mídia; estigmas.

Abstract: This article comes from a qualitative research, under development, as part of the master's degree. It uses the theoretical and methodological contributions of Foucault (2008) to analyze the (dis)meetings between the news about violence in Loteamento Kephás – municipality of Novo Hamburgo (RS) – and the narratives of nine young residents of the territory. It seeks to understand if the "truths" produced by the media device contribute to the production of stigmas about the subdivision, while it proposes to listen to the narratives of young people produced there. It is concluded that journalistic discourses contribute to the production of stigmas, since of the 76 reports about the territory, aired between 2017 and 2021, 40 dealt with the theme of violence. Police patrols and drug seizures stand out. On the other hand, the young people interviewed note the reduction of violence over the years and denounce that the media highlights only one of the possible stories to be told about Kephás.

Keywords: discourse analysis; youth; media; stigmas.

Para citar – ABNT NBR 6023:2018

OLIVEIRA, Tatiane de; ZUCHETTI, Dinora Tereza; MARQUES, Pâmela Marconatto. Violência e as produções de “verdades”: (des)encontros discursivos entre as mídias hegemônicas e juventudes do loteamento Kephás (RS). *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 31-44, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v22n1.22983>.

Introdução

O estigma sobre territórios pauperizados tem contribuído para as hierarquizações e segregações socioespaciais. Os moradores “de fora” os narram como violentos, perigosos, sujos e desprovidos de beleza. Essas marcas reverberam com proeminência nos discursos midiáticos, são incorporadas como verdades e fazem de determinadas condições políticas, sociais e econômicas, traços identitários (TAKEITI; VICENTIN, 2019). Esses atributos diferenciam os sujeitos e os enquadram em uma categoria desacreditada, resultando na sua não aceitação plena na sociedade (GOFFMAN, 2008).

Contribuindo para isso, a mídia opera como um dispositivo que forja “papéis sociais, ideais de conduta, alteridades, ameaças e consciência coletiva. Os papéis sociais classificados como problemáticos, nocivos ou ameaçadores, muitas vezes, são construídos num processo de estigmatização discursiva” (NEDER, 2008, p. 162). Nesse sentido, estabelece meios para categorizar as pessoas e os atributos considerados normais para cada uma dessas categorias (GOFFMAN, 2008).

Foucault (1996, p. 8), em sua obra “A Ordem do Discurso”, questionou: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato das pessoas e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”. Para o filósofo, o poder e o discurso alinham-se com o propósito de produzir procedimentos capazes de engendrar efeitos de verdade.

Nesse sentido, este artigo, que compõe uma pesquisa de mestrado, inscrita no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, da Universidade Feevale, tem como objetivo apresentar os resultados da análise dos discursos de 76 reportagens veiculadas pelo Jornal NH, entre os anos de 2017 e 2021, acerca da violência no Loteamento Kephass¹, e aqueles oriundos das entrevistas realizadas no decorrente ano, com nove jovens residentes do território, buscando compreender se tais práticas discursivas contribuem para a estigmatização territorial. Está estruturado em quatro seções:

- a) **Aproximações e distanciamentos entre Michel Foucault e Erving Goffman:** essa seção tem como objetivo realizar uma discussão teórica, apontando os (des)encontros entre os pensamentos de Foucault e Goffman. De correntes teóricas distintas, ambos são referências em suas áreas de conhecimento. Goffman é expoente nos estudos sobre o estigma e Foucault é um dos grandes pensadores contemporâneos, destaque das correntes pós-estruturalistas. O francês construiu uma vasta obra, que transita entre

¹ O Kephass, como popularmente conhecido, é um loteamento localizado no município de Novo Hamburgo (RS). A crescente expansão econômica do município, nos anos 1970, atraiu muitos migrantes, os quais foram se instalando à revelia, porque a cidade não possuía estrutura para acolher esse contingente, demandando iniciativas do poder público para alocação dessas famílias. Em decorrência disso, o Kephass foi construído, com verba pública, na década de 1980, através de um movimento coletivo, em que os próprios moradores edificaram suas casas.

as diversas áreas e ainda segue sendo publicada em volumes inéditos. Assim, com suas especificidades, os autores se tornam fundamentais para a discussão do conceito de estigma e para a análise do discurso jornalístico;

b) **Procedimentos metodológicos**: aqui apresenta-se o delineamento da pesquisa, os procedimentos de produção e coleta de dados e a técnica de análise;

c) **Os diferentes olhares sobre a violência no Kephass: o enfrentamento à história única**: essa seção apresenta os resultados da análise do material coletado e suas articulações teóricas;

d) **À guisa de encerramento**: por fim, essa seção encerra o artigo, retoma as discussões anteriores e aponta as contribuições e limitações desse estudo.

Aproximações e distanciamentos entre Michel Foucault e Erving Goffman

Torna-se importante, antes de tecer discussões, a partir das análises, e operar com os conceitos dela norteadores, problematizar os encontros e desencontros entre os teóricos que fundamentam este artigo: Foucault e Goffman. De imediato, antecipamos que não nos colocamos em uma posição de especialistas, tampouco ortodoxas, mas de quem se aventura em transitar por diferentes correntes teóricas, respeitando seus limiares. O próprio Foucault, durante sua trajetória, tomou novos rumos epistemológicos, revisitou e reescreveu seus escritos, negou as continuidades e linearidades históricas e se recusou a enquadrar seu pensamento às molduras teóricas.

Sobre isso, Veyne (2011) afirma que Foucault não era um estruturalista, tampouco fruto do pensamento de 1968. Não procurava ideologia por toda parte, ao contrário, era um cético, que acreditava unicamente na verdade dos fatos históricos e jamais na verdade das ideias gerais. De acordo com Oliveira (2008, p. 180), “as torções propostas por sua analítica desorientam-nos num terreno onde desaparece a reconfortante ideia de permanência”. Para ele, tudo precisa ser analisado na sua emergência histórica, em seu constante movimento.

Isto tudo é para justificar nossa decisão em trabalhar com esses dois autores. Cada qual será utilizado olhando para o tempo atual, para as novas irrupções. Goffman e Foucault foram estudiosos das instituições e esse é um ponto de encontro entre eles. Goffman teorizava sobre as instituições totais, Foucault sobre as instituições disciplinares “e os modos como os seres humanos são constituídos como sujeitos sociais, em meio a complexas e múltiplas relações de saberes e poderes” (BENELLI, 2014, p. 85).

Goffman estudou minuciosamente a estrutura, a dinâmica e a natureza psicossocial das instituições totais e as formas pelas quais elas produzem identidades dentro de espaços institucionais (BENELLI, 2014). Em seu livro “A Representação do Eu na Vida Cotidiana”, afirma que o

mesmo é uma espécie de manual, que descreve detalhadamente a vida social, principalmente aquela organizada dentro dos limites físicos de um prédio ou de uma fábrica (GOFFMAN, 2002).

Por outro lado, Foucault centra-se nas tecnologias disciplinares que incidem diretamente sobre os corpos e os tempos dos sujeitos, como esmiuçado no livro “Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões” (1987).

Se o estudo das instituições é o ponto de convergência entre os dois teóricos, é possível afirmar que as maneiras como a análise é feita são aquilo que os diferencia. Para Goffman (1987), existe uma sociedade fora dos muros institucionais e outra dentro dos espaços de enclausuramento. É como se, ao adentrar no espaço institucionalizado, o sujeito deixasse do lado externo o seu eu verdadeiro e fosse moldado a partir das novas regras, ou seja, ocorre uma mortificação do eu. Após a sua saída, caso sua permanência institucional tenha sido longa, ele corre o risco de sofrer um “desculturamento”, além do que essa experiência lhe confere uma etiqueta social, uma marca que o diferencia da normalidade (GOFFMAN, 1987; 2008).

Em contrapartida, Foucault deixa subentendido que não existe uma verdade universal, mas pretensões de verdades, orientadas por saberes que emergem em determinados momentos históricos. Não existe, portanto, uma essência humana verdadeira. O homem foi inventado e é uma invenção recente (FOUCAULT, 1999). Quer dizer, somos produzidos por dispositivos, a exemplo da família, da igreja, da escola, dos hospitais e dos conventos. Para ele, os processos de assujeitamento, os dispositivos de poder e os mecanismos de normatização estão, ao mesmo tempo, dentro e fora das instituições (MIRANDA, 2017). Se, para Goffman (1987), a passagem pelas instituições totais resulta na mortificação do eu, para Foucault, ela compõe um dos modos pelos quais os seres humanos se tornam sujeitos (FERREIRA NETO, 2017), ou seja, uma das possibilidades de subjetivação, através de mecanismos sutis de vigilância e dominação (FOUCAULT, 1999).

Não se pode negar, porém, que, para ambos, os “institucionalizados” estão nessa condição, porque desviam da norma. Esse desvio, para Goffman (2008), é resultado de atributos construídos pela sociedade, a partir de uma leitura falseada da realidade, que resulta no descrédito da pessoa. Em contrapartida, para Foucault, não existe uma identidade única e verdadeira por detrás do estigma. Por exemplo, uma criança que cresceu na periferia ouvindo que ali é lugar de violência, de bandido, de deslegitimados, de incapazes, forja sua subjetividade com base nisso, em resposta e em relação a essas representações sociais, podendo aderir ou buscando se libertar delas. Portanto, não é possível simplesmente retirar essa etiqueta social, que se revelará a genuína identidade do sujeito. Ela faz parte da sua subjetivação.

Frente a isso, a articulação entre Goffman e Foucault foi necessária, para esclarecer que

suas inscrições teóricas são distintas, mas possíveis de diálogo. O que queremos dizer é que os estigmas existem, porém não são totalmente falsos, apenas dão conta de mostrar uma das faces dos modos de subjetivação. Não buscamos revelar a identidade verdadeira por detrás dos estigmas, trabalhamos a partir de construções sociais hegemônicas, aquelas com maior poder de circulação e que produzem subjetividades, a exemplo das notícias jornalísticas.

Dito isso, analisamos os discursos veiculados pelo Jornal NH, mas também aqueles ditos por jovens do Kephass, a fim de não correr o risco de contar uma história única (ADICHIE, 2019).

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa pode ser definida como qualitativa, visto que sua abordagem considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito (PRODANOV; FREITAS, 2013). Sua produção e coleta de dados iniciou pela busca das reportagens no Jornal NH digital, principal meio de comunicação da região do Vale do Rio dos Sinos, com sede na cidade de Novo Hamburgo (RS). No site, utilizamos como localizador o termo "Kephass". A partir daí, selecionamos as notícias veiculadas entre os anos de 2017 e 2021, as quais estavam dispostas da mais atual em direção à mais antiga. Ao total, foram encontradas 80 reportagens, porém adotamos o critério de exclusão por repetição e, por isso, restaram 76. Destas, 40 tratavam sobre a temática da violência. Simultaneamente, foi realizada uma entrevista coletiva, do tipo dialogada, com nove jovens, moradores do Loteamento Kephass, com idades entre 18 e 29 anos.

Decidimos pela entrevista dialogada e coletiva, amplamente utilizada no campo psicossocial, pois consideramos sua abordagem adequada, especialmente quando aplicada com jovens. Morin (2005) explica que essa modalidade de coleta de informações não se trata de uma conversa livre e improvisada, ela exige do entrevistador disciplina, para o não-comentário, para a não-intervenção, e uma disponibilidade empática. É preciso que o entrevistador disponha de um interesse profundo para a comunicação e para o outro, portanto, “não basta ser simpático, é preciso que sinta a simpatia” (MORIN, 2005, p. 187).

Os colaboradores foram localizados e selecionados a partir da interlocução realizada por um dos jovens, o qual encaminhou o contato de Whatsapp dos demais interessados em colaborar com a investigação. A partir disso, os contatamos e, individualmente, encaminhamos um vídeo explicativo sobre a proposta da pesquisa, convidando-os a participar dela. Depois do aceite, posteriormente formalizado através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, formamos um grupo no aplicativo de Whatsapp. Dessa forma, todos os ajustes até o encontro presencial foram realizados por tal instrumento. O jovem interlocutor propôs reunirmo-nos em sua

casa, o que todos concordaram. A entrevista, realizada em julho de 2022, foi gravada através de um celular *smartphone* e teve duração de 29 minutos e 55 segundos.

O tratamento do material produzido na entrevista iniciou com sua transcrição. Nela, os jovens foram identificados pelas letras iniciais dos seus nomes. Em seguida, ocorreu a marcação de excertos por temáticas, a exemplo de violência, assistência social, educação, cultura, estrutura e meio ambiente, e posterior diálogo entre elas, buscando regularidades nesse sistema de dispersão. Antecipamos, que Foucault critica a análise por temática. Para o autor, não interessa o conteúdo do discurso, mas como ele se formou.

Não obstante, justificamos que circunscrevemos inicialmente as temáticas, para fins organizacionais e ulterior análise das formações discursivas, para isso foi construída a Tabela 1, inspirada na proposta metodológica de Bardin (2004).

Tabela 1 - Organização para análise

Data	Unidade de registro	Unidade de contexto do jornal	Unidade de contexto das entrevistas	Síntese analítica
Data da notícia	Tema: Violência	Trechos das reportagens	Trechos das entrevistas	Síntese analítica, articulando as unidades de registro do jornal e das entrevistas, com as contribuições teóricas de Foucault e Goffman

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Como procedimento técnico de análise, utilizamos as contribuições teórico-metodológicas de Foucault (2008). Buscamos identificar, nos discursos, os jogos de poder, as regras de sua formação e a ordem que os permite emergir, reinventar e silenciar, sempre analisando suas condições de possibilidades. O movimento arqueológico de escavar sobre os discursos acerca da violência exigiu a aproximação com outras obras do autor, a saber, “A História da Loucura” e “Vigiar e Punir”, visto que tratam da construção sobre a loucura e a delinquência e das instituições de separação social como espaços para disciplinar corpos.

Os diferentes olhares sobre a violência no Kephass: o enfrentamento à história única

Essa seção dedica-se a apresentar os resultados da análise discursiva das notícias do Jornal NH acerca da violência no Loteamento Kephass, em intersecção com as entrevistas realizadas com os jovens.

São muitos os estudos que discutem o binômio violência-juventudes, com enfoque para

aquelas produzidas em territórios circunscritos como “periféricos”. Buscamos, com essa proposição, provocar um estranhamento: “periférico” em relação a quê? Para o poeta Baticum, citado por Silva e Freitas (2020), toda periferia é um centro. Existem várias formas de nos referirmos a ela, a depender da maneira como a olhamos, como nos vinculamos e quais significados produzimos (TAKEITI; VICENTIN, 2019).

A aproximação com os ditos periféricos, para muitas pessoas, ocorre por meio da mídia. A exotização sobre suas condições estruturais e estéticas, suas formas de viver, de (re)existir e de se relacionar, geram discursos que transitam entre a vitimização e criminalização (TAKEITI; VICENTIN, 2019). Ao encontro disso, Pereira (2009) afirma que os jornais são um importante meio pelo qual recebemos informações e elaboramos nossa visão de mundo. Eles modelam e posicionam nossos olhares, possuindo um “lugar de fala localizado, que mantém relação com o contexto social e político de seus interlocutores” (PIVETA; CARVALHAES, 2017, p. 280). Os discursos jornalísticos não são neutros, nem aleatórios, ao contrário, seguem determinados procedimentos, visto que “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 1996, p. 37).

Assim, são por meio de discursos hegemônicos, aceitos e compartilhados por grande contingente da população, que as notícias são produzidas (PEREIRA, 2009) e fazem circular determinadas verdades (PIVETA; CARVALHAES, 2017). Esses últimos, ao analisarem os enunciados jornalísticos, os quais correlacionam os jovens da periferia à violência, concluem que o dispositivo os narra como sujeitos fora da normalidade, desviantes e, por isso, vítimas do extermínio. Nesse sentido, constrói-se um estigma sobre essa categoria, uma identidade virtual (GOFFMAN, 2008), ou seja, criam-se padrões de normalidade/anormalidade, a partir das “verdades” que circulam nas páginas dos noticiários. Para Vidal (2014), a identidade virtual é uma espécie de casca, que se forma a partir dos olhares externos. Quanto mais pessoas enxergam os estigmatizados desde essa perspectiva, maior a casca vai ficando e mais difícil será para quebrá-la.

Semelhante a isso, o periódico analisado neste estudo enquadra o Kephass como produtor de juventudes violentas e reforça a casca que o estigmatiza: “Um jovem de apenas 21 anos, mas com histórico de crimes graves, foi preso com grande quantidade de droga, no Kephass, em área conflagrada pelo tráfico” (JORNAL NH, 2021).

Essa formação discursiva, sob a analítica foucaultiana, pode ser relacionada com dois eixos de sua produção intelectual. Primeiro, com o estudo sobre a história da loucura (1961) e, posteriormente, com a história do nascimento das prisões (1975). Remetemo-nos a história da loucura, pois, nas palavras do francês:

Loucura e crime não se excluem, mas não se confundem num conceito indistinto; implicam-se um ao outro no interior de uma consciência que será tratada, com a mesma nacionalidade, conforme as circunstâncias o determinem, com a prisão ou com o hospital (FOUCAULT, 1978, p. 153).

Num determinado momento da história, o saber positivo era incapaz de diferenciar vítimas e doentes, loucos e criminosos, visto que todos estavam ligados a uma mesma forma de existência. Ou seja, o apartamento social, tal qual propõe o formato da prisão moderna, já está posto como tecnologia de coerção há muito tempo. Apartava os loucos, mas também, os pobres, as prostitutas, os leprosos, os criminosos (FOUCAULT, 1978). Assim, ao contrário do que se pensa, ela nasceu fora do sistema judiciário, quando construíram processos para reparti-los, distribuí-los, treiná-los, codificá-los e mantê-los numa visibilidade sem lacuna (FOUCAULT, 1999).

Do mesmo modo, o jovem foi preso, separado. Viverá de acordo com a organização da instituição: seus rituais, tempos, espaços e exames. Uma espécie de engrenagem que nasce como estratégia para superar as práticas punitivas e aderir a uma tecnologia de vigilância e disciplina, que dá, aos sujeitos, acesso à “humanidade”. Neste caso, a punição ocorre pela privação da liberdade, considerada em nossa sociedade um bem pertencente a todos, e, portanto, sua retirada é uma medida punitiva igualitária. Com efeito, desde o início do século XIX, a prisão envolveu, simultaneamente, a privação de liberdade e a transformação técnica do indivíduo (FOUCAULT, 1999).

Para isso, o jovem de 21 anos foi recluso, visto que “o preso possui antecedentes pelo mesmo crime e, também, por homicídio, roubo a comércio e roubo de veículos” (JORNAL NH, 2021). A sua transformação é necessária, uma vez que sua “infração lesou, mais além da vítima, uma sociedade inteira” (FOUCAULT, 1999, p. 106), e a passagem pela prisão lhe confere uma etiqueta social e o torna uma pessoa desacreditável (GOFFMAN, 2008).

Sobretudo, é interessante observar que, ao longo da reportagem, após a enumeração de seus delitos, aquele que é chamado de jovem em seu título, tem a sua condição juvenil lentamente apagada e substituída pela posição de preso. É como se fosse ele o homem, descrito por Foucault (1978), o qual tem seu rosto, à beira da praia, desvanecido pela água do mar. De jovem a preso, de normal a anormal.

Esse discurso dicotômico também esteve presente nas entrevistas com os jovens. E.A., ao discorrer sobre a vida no Kephass, afirma que “*tem joio e trigo em qualquer lugar. Tu vem para a comunidade, às 06:30 da manhã, vai ver as paradas lotadas, as pessoas indo trabalhar e a galera indo para a escola*”. Este enunciado forma um discurso soberano em nossa sociedade, ao separar as pessoas em boas (trigo) e más (joio), e atribuir ao trabalho e à educação qualitativos, do historicamente construído e legitimado, homem de bem.

Nessa perspectiva, o E.A. compartilha:

Todos nós viemos de famílias humildes e com nossas perspectivas, e tive muitos amigos que estudaram comigo e que hoje trabalham, tem seus objetivos e seus sonhos, e tive muitos colegas e amigos que optaram por um caminho mais fácil, ou o único caminho que se tinha, e muitos não estão mais aqui. Alguns estão no sistema prisional, mas é uma minoria, sabe? Eu perdi dois amigos que não estão hoje mais entre nós, três ou quatro estão no regime fechado, mas a grande maioria é isso, ou está cursando uma faculdade, ou cursando um curso técnico ou, muitas vezes, acreditou no seu próprio negócio e começou a empreender, como o nosso amigo que está trabalhando no segmento de pintura.

Foucault (1999) foge da seara das representações, as quais caracterizam os ditos “homens de bem”. Ele busca compreender os mecanismos institucionais que produzem os estudantes e os trabalhadores. Logo, para ele, as fábricas e as escolas são instituições que funcionam na mesma lógica da prisão: vigiam, ditam seus horários (para sentar, levantar, comer, ir ao banheiro), registram desempenho, disciplinam e docilizam os corpos. Por isso, a noção de normalidade passa pelo agenciamento do sujeito a estas instituições.

Assim como elas, o hospital, o exército, o orfanato e a prisão, produzem mecanismos avaliativos, que enquadram ou não o indivíduo à normalidade. Descrevem e qualificam sua vida pregressa, suas capacidades mentais, físicas, cognitivas, desde um lugar detentor de poder científico. O discurso jornalístico sobre o jovem recupera seus delitos, assim como nesta notícia: “Conforme a BM, o preso tem 20 anos e tem antecedentes por roubo de veículo. Testemunhas disseram que ambos eram do bairro e conhecidos pelos crimes” (JORNAL NH, 2020). Os jovens possuem um arquivo sobre os acontecimentos em suas histórias. Mas não se trata de qualquer acontecimento. O arquivo define o que merece ser memorizado ou esquecido (SIMIONI, 2016).

Neste caso, o jornal seleciona aquilo que considera importante e, a partir disso, produz histórias, memórias e estigmas. Das 76 reportagens veiculadas pelo Jornal NH, entre 2017 e 2021, 40 abordavam a violência no Kephass. Uma delas afirma que as drogas foram apreendidas “no Kephass, em área conflagrada pelo tráfico” (JORNAL NH, 2021). Como consequência, a violência fica circunscrita a determinados espaços geográficos e as periferias seriam espaços de medo (PIVETA; CARVALHAES, 2017).

Ao construírem uma narrativa sobre a vida no Loteamento, os jovens percebem a redução da violência: “Sempre gostei do Kephass, e antigamente era mais pior né, tinha suas gangues, mas agora está bem melhor que antes” (R.S.). Corroborando, o jovem W.O. revela que “o Kephass, mais pras antigas que pegou a fama de um bairro mais violento, mas de uns tempos para cá acho que foi amenizando, foi melhorando e hoje é alguns pontos”. De fato, os relatórios do Observatório de Segurança Pública de Novo Hamburgo indicam a diminuição da violência, desde 2018, nos bairros Diehl e São José, os quais abrangem a extensão do Loteamento. Todavia, salta aos olhos o aumento dos casos de apreensão de entorpecentes.

Em convergência, das 40 notícias do Jornal NH sobre violência, 16 tratavam de apreensão de drogas. Em umas das ocorrências, “a Brigada apreende 318 quilos de maconha no Kephass” (JORNAL NH, 2021). O caso ocorreu durante um patrulhamento policial, que suspeitou de um carro saindo de uma das ruas do Loteamento.

A vigilância policial sobre os territórios ditos periféricos é uma prática rotineira entre os equipamentos de segurança pública e, embora seus moradores estejam expostos cotidianamente a esse tipo de situação, “consideramos que as pessoas delimitadas em um plano discursivo como anormais estejam à mercê, de maneira mais violenta e evidente, dos efeitos coercitivos de práticas e discursos regulatórios” (PIVETA; CARVALHAES, 2017, p. 282). Quer dizer, a “ronda” policial não busca somente o criminoso, pois “a vigilância sobre os indivíduos se exerce ao nível não de que se faz, mas do que se é; não do que se faz, mas do que se pode fazer” (FOUCAULT, 1999, p. 104).

A vigilância ocorre pela polícia, mas também, em certa medida, pelos próprios jovens, como forma de resistência. Um deles afirmou: “O Kephass tem sua violência? Tem! Mas depende da onde tu vai, aonde se mete, mas se quiser ficar de boa, tu fica” (J.V.). Ele vigia o território e, por conta disso, sabe dos locais violentos, ao passo que vigia a si mesmo para não transitar por eles. Trata-se de um cuidado de si, que implica numa construção subjetiva, a partir do embate entre as forças externas (território) e as internas (sujeito). Desse modo, eles podem aderir às formas de viver, moralmente condenadas, ou recusá-las, agindo sobre si, no sentido de resistir e buscar outras alternativas de vida.

Logo, o Kephass produz os jovens, ao mesmo tempo em que estes produzem o Kephass. Ele deixa de ser apenas o meio pelo qual transitam e passa, literalmente, a constituir sua subjetividade, resultando numa indiscernibilidade, onde não é possível diferenciar o sujeito e o território (CARDOSO FILHO, 2016). Assim, o estigma sobre o território torna-se igualmente um estigma sobre os seus moradores.

Diante disso, não pretendemos apontar como falsas as notícias veiculadas pelo Jornal NH, tampouco mascarar as violências que estão disseminadas por todo tecido social. Buscamos, apenas, denunciar os perigos da história única. Para Adichie (2019, p. 14), “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentiras, mas são incompletos”. O dispositivo dispara discursos sobre violência, que tomam efeitos de verdades e estigmatizam o território e sua população. O jovem J.C. explica que o Kephass “é um lugar estigmatizado pelos de fora, mas o pessoal que mora e convive aqui consegue identificar que, em geral, é um lugar bom de morar e viver”. Para o W.O., “[...] a fama ficou. Tu vai em qualquer lugar fora e fala que é do Kephass, as pessoas já te olham diferente né! Bab! Do Kephass, vamos ficar ligado com esse louco”.

Nessa perspectiva, percebe-se que as instituições de segurança, a mídia e grande parcela da população acabam por vincular o perigo ao indivíduo. “E isso se desdobra em uma lógica que pune e vigia qualquer corpo que se assemelhe à imagem daquele que corporifica a delinquência” (PIVETA; CARVALHAES, 2017, p. 284). Melhor explicando, em um trecho acima, o jovem E.A. falou sobre os estudantes e trabalhadores nas paradas às 06:30 da manhã, no Kephass. Identificar um estudante a caminho da escola, ou um trabalhador indo para sua jornada laboral, requer a leitura discursiva de signos. A vestimenta, a forma de falar e caminhar também formam discursos. São signos que podem enaltecer, mas também estigmatizar.

De acordo com Goffman (2008) é natural tentarmos decifrar uma pessoa na primeira vez que a vemos. Portanto, ver um estudante com uniforme da escola e sua mochila, representa dedicação e comprometimento, mas talvez, um jovem estudante de boné, tatuagem, corrente no pescoço e mochila nas costas, possa ser associado à marginalidade, porque esse conjunto de signos está relacionado ao crime. Os discursos formam uma casca, uma identidade virtual, que estigmatiza esses jovens a partir da estética.

Nessa perspectiva, o estigma de morador da periferia compõe a subjetividade dos jovens, ao passo que os leva, muitas vezes, a esconder quem são. No dia da entrevista, a namorada de um dos meninos conta que:

Quando a gente começou a namorar, descobri que ele era daqui [Kephass] e pensei que a minha mãe ia pirar, né! Não iria deixar. E quando ele foi a primeira vez lá em casa, a gente conversou para ele não falar que era do Kephass, que era para falar que era do São José (risos) (E.S., 2022).

O casal conta a situação e o riso toma conta da entrevista. Em seu livro, Goffman (2008, p. 115) explica que as pessoas que encobrem um estigma, geralmente, relatam a “seus companheiros para mostrar como os normais são bobos e como todos seus argumentos sobre as diferenças são meras racionalizações [...]”.

Por outro lado, o E.A. diz que “Kephass ficou um apelido carinhoso, porque a comunidade aderiu e está até hoje né! Não se fala ‘eu vou lá no São José’, é o Kephass, né!”. O Kephass possui identidade própria. É maior que os bairros Diehl e São José, os quais o abrangem. Essa percepção dos jovens é comprovada pelas análises das notícias, que, em seus títulos, seguem uma certa regularidade, qual seja, colocar em evidência o “Kephass”. Neles, o Kephass recebe *status* às vezes de bairro, às vezes de loteamento, mas sempre se sobrepondo às dimensões territoriais dos bairros.

Para E.A., o Loteamento “tem várias potencialidades, mas, muitas vezes, o noticiário é isso, só coisas ruins”. Por conta disso, pode-se afirmar:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2019, p. 32).

O periódico narra apenas uma face do que ocorre no Kephass. É claro que existe violência e isso se destaca em suas páginas, mas existe, também, uma associação comunitária, chamada “É o Kephass”, a qual denuncia as mazelas do território e luta por condições de vida dignas para a sua população. Tem, ainda, os jovens deste estudo, que ajudam a narrar sua história a partir de outras lentes, e um comércio local potente: escolas, posto de saúde, farmácias, supermercados, sorveteria, funerária, consultório odontológico, salão de beleza, bazar e academia. Pode-se encontrar de tudo no Kephass. Esta é apenas uma das tantas histórias que podem ser contadas sobre o Kephass.

À guisa de encerramento

A partir das reflexões tecidas nesse estudo, pensemos sobre como o dispositivo midiático constrói, em seu plano discursivo, a noção de perigo relacionada às periferias. No campo discursivo midiático, os enunciados historicamente construídos, ordenados e legitimados, são atualizados nas enunciações que circulam nas páginas dos jornais. Formam regimes de verdade, que certificam os discursos policiais, as narrações das ocorrências, os procedimentos técnicos utilizados, sem interrogá-los ou colocá-los sob suspeita, ao passo que descrevem o criminoso, o comportamento suspeito e o perigo que ele pode vir a causar. Daqueles presos, recuperam seus arquivos, apagam sua humanidade e os enquadram como sujeitos anormais, e, portanto, passíveis de correção, enquanto aos que ainda não foram cooptados pelo mundo do crime, restam as práticas coercitivas, materializadas pelas rondas e operações policiais.

Assim, nas notícias, o procedimento de rarefação discursiva asfixia outras possibilidades enunciativas. Colocam em emergência os discursos, o controle e a vigilância policial sobre o território. Destarte, concluímos que o dispositivo midiático contribui para a estigmatização territorial e, sendo este composto por sujeitos que se forjam ora aderindo, ora resistindo às suas forças, ele marca a sua população, em especial as juventudes, visto que os enunciados produzidos a respeito dessa categoria são atrelados à criminalidade, à inconsequência e à irresponsabilidade.

Por fim, como já mencionado, não romantizamos a violência e não negamos a sua presença. Procuramos, sobretudo, evidenciar que, para o dispositivo, é como se, fora dessa circunscrição temática, nada acontecesse no território (PEREIRA, 2009). O Kephass parece existir, por causa da violência. Por isso, considerando o momento histórico e político de nosso país, nos sentimos convocadas a escrever com e sobre as periferias e suas juventudes. É preciso superar a história única e

escavar nas superfícies tão sedimentadas dos campos discursivos, colocando sob suspeita os discursos hegemônicos e revelando suas formações nas redes, que se tecem por meio dos jogos de saber e poder.

Referências

ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BENELLI, S. J. Goffman e Foucault: semelhanças e diferenças. In: BENELLI, S. J. *A lógica da internação: instituições totais e disciplinares (des)educativas*. São Paulo: Editora da UNESP, 2014. p. 85-89.

CARDOSO FILHO, C. A. A subjetividade, o fora e a cidade: repensando o sujeito, o espaço e a materialidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 242-251, ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5131/4984>. Acesso em: 09 set. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1458>

FERREIRA NETO, J. L. A analítica da subjetivação em Michel Foucault. *Revista Polis e Psique*, v. 7, n. 3, p. 7-25, 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/76339/pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.76339>

FOUCAULT, M. *A história da loucura na idade clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978. 551 p.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

MIRANDA, H. C. Foucault e Goffman: em torno das instituições e poderes. *Sapere Aude*, v. 8, n. 16, p. 381-394, 21 dez. 2017.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NEDER, V. O estigma "de menor" na imprensa escrita. *Cenários da Comunicação*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 161-167, 2008. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/remark/article/view/11726/5377>. Acesso em: 03 mar. 2022.

OLIVEIRA, C. A vertigem da descontinuidade: sobre os usos da história na arqueologia de Michel Foucault. *História, Ciência, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 169-181, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/nrdPb9SGQrwRZ7KTfKLjMKh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000100010>

PEREIRA, P. P. G. Violência e tecnologias de gênero: tempo e espaço nos jornais. *Revista Estudos Feministas*, v. 17, n. 2, p. 485-505, ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/nwqzTp9pMJ7tgC5CzbxxjGx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200011>

PIVETA, R. T. A.; CARVALHAES, F. F. A juventude das periferias como alvo da violência: uma análise sobre enunciados difundidos pela sociedade brasileira. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 277-292, ago. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 set. 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Universidade Feevale, 2013.

SILVA, F. R. N.; FREITAS, G. J. Toda periferia é um centro. *Revista Desenvolvimento Social*, Montes Claros, MG, v. 26, n. 1, p. 144-168, 15 set. 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/3266/3195>. Acesso em: 09 set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.46551/issn2179-6807v26n1p144-168>

SIMIONI, R. L. Arquivo, história e memória: possibilidades de diálogo entre Luhmann e Foucault. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 97, p. 173-190, abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/dCjTfQ3FCL5tDGXb9TW8NPn/?lang=pt#>. Acesso em: 09 set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-6445173-190/97>

TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. Juventudes periféricas e subjetivações: narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais. *Fractal: Revista de Psicologia*, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, v. 31, p. 256-264, 04 set. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/zdCRzXcBsFhkQvkDrbLTP3s/?lang=pt>. Acesso em: 06 mar. 2022. DOI: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29028

VEYNE, P. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.